

PALIMPSESTO

JORNAL MENSAL

SÃO PAULO

Nº 1

JUNHO DE 1992

Cr\$ 3.000,00

O EROTISMO

Marquês de Sade * Roberto Freire
Pierre Louÿs

HONORÉ DAUMIER - O amplexo

LANÇAMENTOS

A **EDUC** (Editora da PUC-SP) está lançando neste mês o livro **UM LIBERTINO NO SALÃO DOS FILÓSOFOS** assinado por Eliane Robert Moraes. Trata-se de um ensaio sobre as relações do pensamento de Sade com a filosofia materialista do século XVIII, tendo como pano de fundo a própria história da libertinagem. O livro traz ainda uma das mais importantes novelas do marquês, Eugénie de Franval, que foi adaptada por Pierre Klossowski para o teatro de crueldade de Antonin Artaud.

A **Editora Guanabara-Koogan** acaba de lançar duas obras do escritor Roberto Freire: **A FARSA ECOLÓGICA** e **HISTÓRIAS CURTAS E GROSSAS II**. Roberto Freire estará autografando seus livros no próximo dia 26, e nos dias 27 e 28/06 realizará uma maratona de somateira em local a ser determinado. Maiores informações com Edvaldo no telefone (011) 67-8764.

A Editora Ática lançará este mês a obra do francês Georges Bataille, **A EXPERIÊNCIA INTERIOR**.

FRANÇOIS BOUCHER *Léda et le cygne*

LANÇAMENTO DO JORNAL PALIMPSESTO

O jornal será lançado na Livraria Belas Artes no dia 9 de junho a partir das 19 hs. Durante o lançamento serão sorteados 10 exemplares do Livro **CONTOS LIBERTINOS** do Marquês da Sade. Venha tomar um vinho.

MICHELET

A Editora Imaginário promete para breve o lançamento da obra **A agonia da Idade Média**, do historiador francês Jules Michelet.

3ª FEIRA DE LIVROS ERÓTICOS

A Livraria Belas Artes promete para este ano uma feira ainda mais provocante do que as anteriores, com mais de 700 títulos nacionais e importados, revistas, histórias em quadrinhos, inclusive a 2ª edição do **GUIA DO SEXO SEGURO** do GAPA, esgotado no ano passado. Além dos livros, estarão apresentando todo o material já editado sobre AIDS no Brasil: cartazes, folhetos, uma fotonovela educativa para prostitutas, um gibi para presidiários, etc... tudo para consulta ou distribuição ao público. De 2 a 30 de junho. Não Perca! Av. Paulista, 2448 - Tel.: 256-8316

SUMÁRIO

O EROTISMO	3	Resenhas	
O EROTISMO NA ANTIGUIDADE	4	CONTOS LIBERTINOS	11
O EROTISMO NA CHINA	5	Edgar de Assis Carvalho	
EROTISMO LIBERTÁRIO	6 e 7	HISTÓRIAS CURTAS E GROSSAS	12
Roberto Freire		Álvaro Marins	
O PROFESSOR FILÓSOFO	8	ESCRITOS SOBRE ARTE	13
Marquês de Sade		Dorothea V. Passetti	
MANUAL DE CIVILIDADE PARA		SOBRE A FILOSOFIA UNIVERSITÁRIA	14
MENINAS DESTINADO ÀS ESCOLAS	9	Márcio Suzuki	
Pierre Louÿs		POLÍTICAS, SABERES E POÉTICA:	
MINHA LONGA CARTA		O UNIVERSO DAS DROGAS	15
À MADAME DE SADE	10	Nelson Schapochnik	

PALIMPSESTO

Uma publicação de:

PLÍNIO A. A. COELHO - ME
(Editora Imaginário)

Rua Gen. Jardim, 228 - conj. 11
01223 - São Paulo - SP

Editor: Plínio Augusto Coelho

Composição: Forma Composição

Fotolitos: INI

Impressão: A Tribuna de Santos

Colaboradores:

Túlio Kawata, Nobuka Kawata, Edson Passetti, Dorothea Passetti, Roberto Freire, Edgar de Assis Carvalho, Álvaro Marins, Afrânio M. Catani, Márcio Suzuki, Nelson Schapochnik, Antonio Paulo Graça, Heitor Ferreira da Costa.

Apoio:

Editora Polis, Forma Composição, Editora Guanabara, INI Fotolitos, Livraria Belas Artes, Primeira Linha Distribuição e Representação Editorial, Politexto Linotipadora S/C Ltda.

O EROTISMO

Entre todos os problemas, o erotismo é o mais misterioso, o mais geral, o mais à distância.

Para aquele que não pode se esquivar, para aquele cuja vida se abre à exuberância, o erotismo é por excelência o problema

Georges Bataille

peçoal. É ao mesmo tempo, por excelência, o problema universal.

O momento erótico é também o mais intenso (a exceção, se quisermos, da experiência dos místicos). Assim, ele está situado no ponto mais elevado do espírito humano.

O EROTISMO



AUGUSTE RODIN

O EROTISMO NA ANTIGUIDADE



Em matéria de amor, os dois sexos são iguais e o prazer deve ser equitativamente partilhado. Se os parceiros não sentem o mesmo gozo uma vez realizado o ato, não é justo sustentar que eles fizeram amor. É por essa razão que detesto que um homem tenha relações sexuais com um rapazinho. Sim, o amor deve ser uma recompensa partilhada e não uma satisfação egoísta. Um dever também não. E não posso suportar essas moças passivamente alongadas que, sem dizer uma única palavra, deixam-se penetrar pelo homem; aquelas que, longe de se entregar à paixão, aproveitam para pensar em costura e nunca murmuram: "Ah! continua, meu amor."

OVÍDIO

Arte de Amar

Das duas uma: ou vais embora, ou aprendes a te dobrar à minha vontade. Não sou desses homens engomados da velha escola. Gosto de me deitar tarde e beber vinho. Preferes ir te deitar, com ares de fastio após um único copo de água. Tu te comprazes na escuridão, enquanto eu gosto de ver tudo quando faço amor, à meia-luz de uma lâmpada de óleo, senão à luz da aurora. Agasalhas-te na lã, comigo, para quem uma moça deitada nunca está nua o bastante! Adoro que elas se agarrem a mim e me beijem como uma pomba; mas teus beijos assemelham-se a um cumprimento solene. Na cama, eis-te imóvel, fria e insensível. Ah! quando Heitor cavalgava sua mulher, tal uma égua ferosa, seus escravos se masturbavam atrás da porta. Penélope não se privava de segurar o cetro de seu marido enquanto ele dormia. E tu, evidentemente, recusas o coito anal. As companheiras de Gracus, Pompeu ou Brutus não tinham desses pudores. Quanto a Juno, todo mundo sabe como Zeus se serviu dela dessa maneira enquanto esperava recorrer a Ganimedes para servi-lo. Que durante o dia queiras representar o papel de dama virtuosa, de acordo. Porém, à noite, desejo que te mostres, enfim, de outro modo!

MARTIAL

Epigramas

Reclamas para dar tua flor? E Por quê? Quando desceres aos infernos, não encontrarás lá ninguém para fazer amor contigo, pois esses gozos são o privilégio do mundo dos vivos. Do outro lado, ó cara donzela, somos apenas cinza e pó.

ASCLEPIÁDE

Antologia Grega

A virgem não tem absolutamente o controle de seu esfíncter, ignora a arte do erotismo e sua pele ainda não exala os eflúvios da mulher. Falta à sua conversa vivacidade, assim como encanto; ela parece embaraçada. Pior ainda: noviças no amor, eis-las todas insensíveis nessas regiões arredondadas que, entre as moças, pedem carícia.

STRATO

Antologia Grega

Marula adora medir um pênis em ereção. Ela o toma na palma da mão e avalia seu peso. Depois, quando a vara realizou sua tarefa e repousa, mole e murcha, ela a retoma, a reavalia e calcula o que resta de sua glória. As mãos de Marula são semelhantes a uma balança.

MARTIAL

Epigramas

A paixão das mulheres convém mais aos homens que têm o gosto pelas ligações profundas. Mas, se preferís os homens, conheço um remédio que acalmará vosso vicioso desvio. Virai para vós o belo traseiro de Menofilia e pensareis agarrar um másculo Menofilus.

MARCUS ARGENTARIUS

Antologia Grega

O EROTISMO NA CHINA



O objetivo do coito é equilibrar as energias, acalmar o coração e reforçar o *Zhi* (vontade). Em seguida, chega *Shen Ming* (clareza de espírito); a pessoa ressentida um bem-estar profundo, nem frio nem calor, nem fome nem saciedade, o corpo, em paz, goza.

SU NU KING

Aqueles que ignoram o Caminho, pensam que o amor pode ser nocivo à saúde. Na realidade, o amor não tem por único objetivo o divertimento e o prazer do corpo, mas também pode acalmar o coração e reforçar a vontade. Então, o corpo está em paz, assim como o espírito.

SU NU KING

O homem deve reter seu sêmen e evitar ejacular. Assim, ele absorve as energias da Porta Preciosa da mulher, bebendo ao mesmo tempo sua saliva. Essa prática especial é criadora de boa saúde e longa vida.

PENG TSU

O grande segredo do amor é saber controlar sua ejaculação mesmo que se esteja enormemente atraído pela beleza de sua parceira. Não saber se controlar provoca fraquezas e doenças.

WU TZU TU

Beber na Fonte de Jade o néctar Yin à luz vacilante da chama de uma vela: prazer partilhado.

Quando o desejo é recíproco, os dois sentimentos se unem; a "parte" da mulher vibra, o talo de jade tem força e infla. Este golpeia *Shu Shu*, a penetração se efetua ora lenta, ora rápida: *Yu Hu* (porta de jade) se abre enquanto a quintessência emerge, sem nenhuma necessidade de força. A mulher recolhe a quintessência que reforça as energias irrigando *Zhu Shi* (quarto vermelho).

Prazer de gozar do prazer
Gozar do prazer de gozar

Fazer amor em grupo! Por que hesitar se a harmonia se faz assim e o prazer é partilhado?

A via do coito consiste em acariciar e divertir inicialmente sua parceira a fim de que o *Shen* (o espírito) esteja, depois, em paz na união.

O homem, mesmo idoso, não quer estar sem mulher; se ele está só, sua atenção se agita, seus espíritos *shen* se fatigam; se seus espíritos se fatigam, sua longevidade diminui.

TRATADO DONG XUAN ZI

É necessária a união Yin-Yang para qualquer movimento no universo. Yang se transforma quando atinge o Yin; Yin varia quando capta o Yang pois Ying e Yang são complementares. Assim, o órgão masculino torna-se duro e o feminino se abre, as duas energias se unem e o esperma assim como o líquido escorrem.

SU NU KING

EROTISMO



O puritanismo sempre foi a mais poderosa e eficaz arma do autoritarismo de Estado, visando o controle e a contenção da liberdade dos cidadãos, tanto a biológica quanto a cultural.

Como o Estado, em si mesmo, é desprovido de qualquer moralidade que justificasse seu puritanismo, em geral, o Estado vai buscá-lo nas religiões, às quais, em troca, oferece poder e sustentação, sobretudo às que o contestam originalmente, corrompendo-as. Logo, não há moral alguma no puritanismo pessoal, religioso e de Estado.

Esse foi o caso, por exemplo, do Império Romano, em sua fase decadente, com a Igreja Católica por ele retirada das catacumbas, oferecendo-lhe a grandeza e o poder atuais do Vaticano. Desse conluio deriva o puritanismo contemporâneo do Ocidente e, em especial, o que sempre vigorou no Brasil, desde a vinda dos jesuítas na época do descobrimento, em caravelas do estado português, até a do papa João Paulo II, recentemente, no boeing da Alitalia.

Para mim, o grande-poder do puritanismo de Estado é ele somar à culpabilidade subjetiva produzida nas pessoas pelas religiões quando são compelidas a satisfazer suas pulsões biológicas irreprimíveis de prazer, ao medo concreto das normas sociais e das leis civis e penais que as ameaçam. Daí resulta o mais completo e o mais poderoso dos autoritarismos: culpa por estar vivo e gostar de viver perante Deus e medo concreto das leis humanas. É infalível, porque a culpa invalida os desejos e o medo impede qualquer ação.

Dessa forma o cidadão perde a criatividade e teme sua natural espontaneidade. Não é mais livre. Está perfeitamente controlado pelo Estado, permanecendo a Igreja, inclusive, de mãos limpas, porém de consciência perfeitamente hipócrita: "a Deus o que é de Deus, a César o que é de César".

Como afirmou Wilhelm Reich, com sabedoria psicológica e política, a família espelha e reproduz o Estado. Cabe à família, portanto, executar as ordens e, assim, perpetuar o

puritanismo, de pai para filho, de geração em geração, enquanto houver família, como a burguesa, a serviço do autoritarismo de Estado.

É importante ressaltar que, visando restringir e controlar a liberdade do novo cidadão, para que aceite se submeter ao Estado, o caminho mais curto e mais eficiente para a família é *semicastrá-lo*, quer dizer, procurar exercer sobre ele forte repressão à satisfação sexual, sem impedir, de forma definitiva a sua sexualidade glandular. Em outras palavras, neurotizá-lo.

Foi Wilhelm Reich quem descobriu o mecanismo fisiopatológico da repressão sexual gerando a neurose que, segundo ele, em síntese, vem de fora e não de dentro, se instala em todo o corpo e não apenas na mente. Ele descreveu a neurose corporal como uma couraça neuromuscular, impedindo a livre circulação da energia vital por todas as áreas corporais, ficando assim, algumas com energia em demasia e, outras, sem energia suficiente para um funcionamento fisiológico satisfatório. Daí, no neurótico, a

sensação de incompetência e impotência para o exercício de funções vitais como as da sexualidade e de intelectualidade, por exemplo, favorecendo ainda o aparecimento de sintomas típicos da neurose, como a ansiedade, a angústia e a depressão.

Uma pessoa neurótica é, portanto, incapaz de se autogerir, está fraca, é facilmente controlada e submetida ao poder familiar e de Estado. Reich descobriu também que o orgasmo sexual tem o poder de desfazer, temporariamente, a tensão crônica da couraça neuromuscular, logo, o prazer sexual obtido do modo satisfatório e freqüente combate a neurose e a dependência da pessoa a qualquer poder externo. Concluindo: o puritanismo invalida a pessoa para a sexualidade satisfatória e isto a torna dependente de qualquer poder exercido sobre ela. Assim, só o combate ao puritanismo permite naturalidade e saúde, quer dizer, liberdade.

O que se procura combater nas pessoas é sobretudo o erotismo, não apenas o sexual e genital, mas sobretudo o que dá beleza, alegria e prazer a todas

LIBERTÁRIO

as relações do ser humano com a vida, com a Natureza e com os próprios homens, todos, inclusive seus parceiros sexuais.

Mas, para que isso seja possível, faz-se necessário, é claro, que a sociedade humana viva sob o efeito e manipulação de uma ideologia muito poderosa que deu origem e sustentação ao fascismo, ao nazismo, à "democracia" capitalista e ao socialismo autoritário, às diferentes expressões do autoritarismo político de nosso tempo.

Refiro-me à *ideologia do sacrifício*, mantida no cotidiano dos cidadãos de todo o mundo, especialmente pelas religiões, pela burguesia capitalista, pelo marxismo dos partidos comunistas e pelas terapias oriundas da Psicanálise. Note-se como todas essas manifestações espirituais, políticas e científicas se manifestam travestidas no mesmo e único puritanismo.

A essa *ideologia do sacrifício* se opõe a *ideologia do prazer*. Ideologia do solidarismo humano, do respeito ecológico, do trabalho em autogestão, do verdadeiro e saudável sindicalismo, do amor em liberdade, do socialismo libertário que sempre combateu todas as formas

de autoritarismo e de puritanismo hipócrita e antinatural. Refiro-me ao que propõe o *Anarquismo*, hoje o único antídoto político e ético à *ideologia do sacrifício*.

O autoritarismo procura invalidar a vida no ser humano, através do medo à violência das armas e, sobretudo, pela mediocrização das pessoas, ao submetê-las à *ideologia do sacrifício*. Na vida social burguesa é muito difícil às pessoas livrarem-se disso, atingidas que são consciente e inconscientemente, inclusive aquelas de opção libertária. Os escritores anarquistas teriam de estar atentos a como a *ideologia do sacrifício*, especialmente devido à sua formação burguesa, pode atuar ainda sobre seu espírito e opções no ato de criar literatura, apesar de tudo. Dois dos maiores escritores de todos os tempos para mim, D. H. Lawrence e Henry Miller que ousaram vencer a *ideologia do sacrifício* de seu tempo, trabalhando com coragem, beleza, verdade e poesia a sexualidade e a liberdade humanas, foram dura e longamente censurados.

Essa censura aos mestres, intimidaram, certamente, mui-

tas gerações de escritores. Desavisado e imprudente, na década de cinquenta, escrevi uma peça de teatro que foi censurada e impedida de ser levada à cena durante alguns anos: *Quarto de Empregada*. Depois disso, sem perceber claramente, submeti-me inconscientemente à censura e à autocensura, como a maioria dos escritores daquela época, e nunca mais escrevi nada de realmente libertário para teatro, a não ser uma peça sem palavras, *O & A* em 1967, que, mesmo assim, foi retirada de cena pela Polícia, prendendo os atores durante as horas do espetáculo.

Quando saiu o romance *Cleo e Daniel*, também na década de sessenta, não tive censura oficial alguma ao meu livro como recebia, violenta, em minha vida pessoal e profissional, por contestar e combater a ditadura militar. Porém, foi igualmente violento o repúdio ao livro por parte da Igreja Católica e da família burguesa. O puritanismo da censura atingiu fortemente também o meu trabalho para a televisão, mutilando-o, mutilando-me. No romance *Coiole*, usei um pouco mais, porém timidamente, do

puritanismo instalado em mim pela censura e pela autocensura produzida pela família burguesa e pelo autoritarismo capitalista e militar.

Apenas agora, no início da década de noventa, descubro que, apesar de toda a minha luta contra a *ideologia do sacrifício* em vários campos da cultura, continuo vivendo em parte submetido a uma espécie de puritanismo (autocensura) disfarçado, mas, de qualquer maneira, semicastrador artisticamente.

Consciente disso, descobri coragem em mim para escrever histórias vividas que tinha prontas dentro de mim, mas agora totalmente motivado e guiado pela *ideologia do prazer*, na busca e na realização do que chamo de *erotismo libertário* em literatura, de forma e conteúdo anarquistas.

Assim, foi publicado pela Editora Guanabara o primeiro volume de *Histórias Curtas e Grossas* que espero, ajude a libertar as pessoas como, definitivamente, libertou a mim.

Roberto Freire

Dezembro, 1991.



MARQUÊS DE SADE

O PROFESSOR FILÓSOFO

De todas as ciências que se inculca na cabeça de uma criança quando se trabalha em sua educação, os mistérios do cristianismo, ainda que uma das mais sublimes matérias dessa educação, sem dúvida não são, entretanto, aquelas que se introjetam com mais facilidade no seu jovem espírito. Persuadir, por exemplo, um jovem de quatorze ou quinze anos de que Deus pai e Deus filho são apenas um, de que o filho é substancial com respeito ao pai e que o pai o é com respeito ao filho, etc., tudo isso, por mais necessário à felicidade da vida, é, contudo, mais difícil de fazer entender do que a álgebra, e quando queremos obter êxito, somos obrigados a empregar certos procedimentos físicos, certas explicações concretas que, por mais desproporcionais, facultam, todavia, a um jovem a compreensão do objeto misterioso.

Ninguém estava mais profundamente afeito a esse método do que o Abade du Parquet, preceptor do jovem conde de Nerceuil, de mais ou menos quinze anos e com o mais belo rosto que é possível ver.

— Senhor abade, — dizia diariamente o pequeno conde a seu professor — na verdade, a consubstanciação é algo que está além das minhas forças; é-me absolutamente impossível compreender que duas pessoas possam formar uma só: explicai-me

esse mistério, rogo-vos ou pelo menos colocai-o a meu alcance.

O honesto abade, orgulhoso de obter êxito em sua educação, contente de poder proporcionar ao aluno tudo o que poderia fazer dele, um dia, uma pessoa de bem, imaginou um meio bastante agradável de dirimir as dificuldades que embaraçavam o conde, e esse meio, tomado à natureza, devia necessariamente surtir efeito. Mandou que buscassem em sua casa uma jovem de treze a quatorze anos, e, tendo instruído bem a mimosa, fez com que se unisse a seu jovem aluno.

— Pois bem, — disse-lhe o abade — agora, meu amigo, concebei o mistério da consubstanciação: compreendeis com menos dificuldade que é possível que duas pessoas constituam uma só?



— Oh! meu Deus, sim, senhor abade, — diz o encantador energúmeno — agora compreendo tudo com uma facilidade surpreendente; não me admira esse mistério constituir, segundo se diz, toda a alegria das pessoas celestiais, pois é bem agradável quando se é dois a divertir-se em fazer um só.

Dias depois, o pequeno conde pediu ao professor que lhe desse outra aula, porque, conforme afirmava, algo havia ainda no "mistério" que ele não compreendia muito bem, e que só poderia ser explicado celebrando-o uma vez mais, assim como já o fizera. O complacente abade, a quem tal cena diverte tanto quanto a seu aluno, manda trazer de volta a jovem, e a lição recomeça, mas desta vez, o abade particularmen-

te emocionado com a deliciosa visão que lhe apresentava o belo pequeno de Nerceuil consubstanciando-se com sua companheira, não pôde evitar colocar-se como o terceiro na explicação da parábola evangélica, e as belezas por que suas mãos havia de deslizar para tanto acabaram inflamando-o totalmente.

— Parece-me que vai demasiado rápido, — diz Du Parquet, agarrando os quadris do pequeno conde — muita elasticidade nos movimentos, de onde resulta que a conjunção, não sendo mais tão íntima, apresenta bem menos a imagem do mistério que se procura aqui demonstrar... Se fixássemos, sim... dessa maneira, — diz o velhaco, devolvendo a seu aluno o que este empresta à jovem.

— Ah! Oh! meu Deus, vós me fazeis mal — diz o jovem — mas essa cerimônia parece-me inútil; o que ela me acrescenta com relação ao mistério?

— Por Deus! — diz o abade, balbuciando de prazer — não vedes, caro amigo, que vos ensino tudo ao mesmo tempo? É a trindade, meu filho... é a trindade que hoje vos explico; mais cinco ou seis lições iguais a esta e sereis doutor na Sorbonne.

Extraído do livro:
CONTOS LIBERTINOS
Marquês de Sade

LIVRARIA

Belas Artes

Visite-nos. Aberta todos os dias do ano das 9hs às 23hs.
Domingos e feriados das 14hs às 23hs.

Av. Paulista, 2448 - Tel. (011) 256-8316 - FAX 231-5764
Cep 01310 - São Paulo - SP

IIIª FEIRA DE LIVROS ERÓTICOS

2 a 30 de junho

Livros nacionais e importados, revistas, histórias em quadrinhos. Tudo sobre erotismo e sexo nos mais variados aspectos: sociologia, literatura, poesia, psicologia, religião, saúde etc.

Aceitamos encomendas de todo o Brasil.

MINHA LONGA CARTA A MADAME DE SADE

(Fragmentos)
Marquês de Sade

Vincennes, 20 de fevereiro de 1781.

(...)

Jogar alguém em prisão quatro ou cinco anos *por uma orgia* da qual se fazem oitenta semelhantes todos os dias em Paris! e vir dizer-lhe em seguida que ele deve alegrar-se por permanecer só quatro ou cinco anos em prisão e que se o importunaram como se o fez, foi para *convertê-lo!* Não, abandono essa idéia, pois ela me revolta em excesso, e estou bem seguro de que não tereis a ousadia de ma sustentar.

Retornemos, por um instante, sobre nossos passos e retomemos o termo *orgia* que vejo daqui apavorar aqueles que estão desolados por não poderem me convencer de todas as calúnias que eles admitem contra mim. Todas as minhas aventuras se reduzem a três. (...)

(...)

Eis, portanto, todos os meus pretensos erros, eis o que lhes objeto e o provarei, *juro-o*, por provas e meios de tal autenticidade que será absolutamente impossível recusar sua evidência. Não sou, portanto, culpado senão de simples e pura libertinagem, e tal como é praticada por todos os homens, mais ou menos em razão de seu maior ou menor temperamento ou pendor recebido da natureza. (...)

Sim, sou libertino, confesso-o; concebi tudo o que se pode imaginar nesse campo, mas seguramente não fiz tudo o que concebi e com toda a certeza nunca o farei. Sou libertino, mas não sou *criminoso* nem *assassino*, e visto que me forçam a situar minha apologia ao lado de minha justificativa, direi, portanto, que talvez fosse possível que aqueles que me condenam tão injustamente quanto o sou, fossem capazes de contrabalançar suas infâmias por boas ações tão verdadeiras quanto aquelas que posso opor a meus erros. (...)

De Sade



SADE SEGUNDO CLOVIS TROUILLE (1959)

"A crueldade nada mais é senão a energia do homem que a civilização ainda não corrompeu absolutamente: ela é, portanto, uma virtude e não um vício. Eliminem vossas leis, vossas punições, vossos costumes, e a crueldade não terá mais efeitos perigosos, visto que ela nunca poderá agir sem ser imediatamente rejeitada pelos mesmos meios."

A FILOSOFIA NA ALCOVA
Marquês de Sade

MANUAL DE CIVILIDADE PARA MENINAS, DESTINADO ÀS ESCOLAS (Fragmentos)

NA ESCOLA

Não desenhes no quadro negro os órgãos sexuais da professora, principalmente se ela tos mostrou na intimidade.

Quando te masturbares na carteira, não limpes o dedo molhado nos cabelos da vizinha, a não ser que seja ela a pedi-lo.

Quando brincares de "cabra-cega", não debes meter as mãos debaixo das saias de uma parceira de jogo e declarar que a reconheces assim. Ficarás comprometida.

Se o resultado da soma for 69 não debes rir como uma idiota.

COM OS CRIADOS

Se apanhares a ajudante da cozinheira masturbando-se com o rolo da massa, não debes dizê-lo à tua mãe. Quando uma pobre moça anda aluada, não desperdiça nada do que lhe vem à mão.

NA COPA

Se te divertires sozinha com uma banana, ou a usares para divertir a criada, não voltes a arrumá-la na fruteira sem o cuidado prévio de lavá-la.

Quem é Pierre Louÿs

Pierre Louÿs com trema no y, pegada exótica do fim-de-século em Paris onde escreveu *Afrodite*, a *Carmen* mais doce a que chamou *A Mulher e o Fantoche*, as sedutoras *Canções de Bilitis* companheiras de Safo.

Nascido em Gand (1870), falecido em Paris (1925); bisneto materno dessa Duquesa de Abrantes do "el-rei" Junot, que a Portugal dedicou o talento da sua pena muito crítica e não raras vezes molhada em corrosivo ácido. Grande amigo de André Gide até

Pierre Louÿs

EM VISITA

Se te masturbares no elevador, calça as luvas antes de entrar na casa que vais visitar.

Quando a dona da casa se debruçar para ti, e te beijar, não lhe metas a língua na boca. É coisa que não se faz à frente de terceiros.

Se o ambiente for de cerimônia, não debes colocar a mão no lenço de um homem para enxugares as tuas partes íntimas, mesmo que estejam molhadas por causa dele.

Nunca perguntes a uma atriz onde ela passou os seus anos de bordel. Informa-te junto às amigas dela.

Dizer a uma senhora que são belos os seus cabelos louros é amável; perguntar-lhe em voz alta se os pentelhos são da mesma cor, é indiscreto.

este não lhe suportar os gracejos; não menos de Oscar Wilde até romper com ele por discordâncias de ordem sexual; de Claude Debussy que lhe musicou alguns versos. Impotente sexual desde os 35 anos de idade. Solitário em Boulainvilliers (a partir de 1914) para sofrer pior uma imparável e sífilítica paralisia, uma cegueira.

"Nos seus belos livros", diz Paul Valéry, "a maioria só lê as apologias da carne e dos seus prazeres. Nem os tormentos que uma linguagem tão magnífica exige, nem os conhecimentos que as suas pinturas implicam, nem a amargura e o desespero que àqueles se juntam conseguem ilumi-

NO CAMPO

Não mandes a banda da cidade anunciar que perdeste a virgindade. O homem que a encontrasse não ta devolveia.

NA IGREJA

A missa não deve ser seguida por um exemplar do *Gamiani*, sobretudo se for ilustrado.

Não te masturbes no confessional para aproveitar, logo em seguida, a absolvição.

NO TEATRO

Não estendas a mão às calças do vizinho para verificar se o ballet lhe dá tesão.

Também não debes dizer em voz alta: "Olha a morenaça que meu pai anda comendo!", sobretudo se a tua mãe estiver presente.

nar a tais olhos o verdadeiro rosto do autor." E Robert Desnos: "Toda a sua obra é um apelo à liberdade no amor e em estilo magnífico, um dos mais belos estilos literários contemporâneos. Expressou uma luxúria intensa e nobre."

Pierre Louÿs construiu duas obras paralelas, uma *oficial* — inspiradora desses elogios —, outra *secreta*. Imiscíveis, de fato, ao nível do público "decente" da primeira (única bem conhecida entre nós), já é tempo de acrescentar em tradução os títulos da segunda, seja a versão integral de *Afrodite* (com todo um capítulo suplementar), seja *Trois Filles de Leur*

NO MUSEU

Não debes perguntar ao guarda da sala por que razão o Hermafrodita tem testículos e maminhas. É assunto que transcende a sua competência.

À MESA

Se meteres um aspargo na boca, não lhe imprimas um movimento de vaivém enquanto olhas, langorosa, o rapaz que pretendes seduzir.

Se encontrares na sopa um cabelo suspeito, nunca digas: "Olha que legal! Um pentelho!"

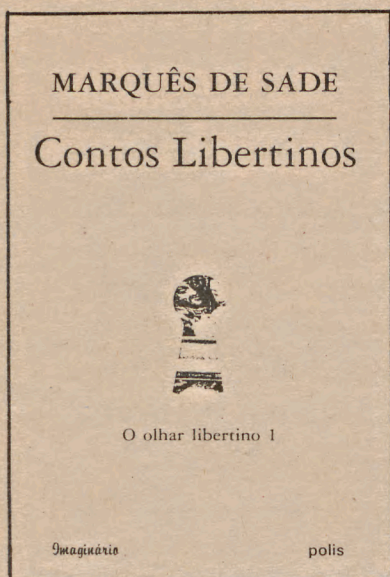
Se ainda fores impúbere, não esmagues morangos entre as pernas para os outros pensarem que já estás menstruando.

NA CAMA COM UM HO- MEM VELHO

Quando falares com o teu protetor, não debes exagerar o emprego de títulos honoríficos. Excelência, monsenhor, senhor vice-presidente da Assembléia da República, são expressões que mais vale por de lado. Pelo contrário, não receies chamar-lhe "Porco!, Sacana!, Debochado!" Ditas com um sorriso, são palavras bem aceitas.

Mère, sejam *Pilbrac*, *Les Véritables Chansons de Bilitis*, *Histoire du Roi Gonzalve et des Douze Princesses*, *La Femme*, *Thropée des Vulves Légendaires*, *Dialogues de Courtisanes* e este *Manuel de Civilité Pour les Petites Filles à l'Usage des Maisons d'Education*, de todas a mais transgressora mas nem por isso deixando de lembrar — como escreveu Hubert Juin — os incríveis "delírios da Condessa de Ségur".

Este texto serviu de apresentação à edição portuguesa do "Manual", opúsculo produzido por *Publicações Culturais Engrenagem Ltda* — Lisboa, outubro de 1980.



CONTOS LIBERTINOS, de Marquês de Sade. Co-edição Editora Imaginário/Editora Polis. Tradução de Plínio Augusto Coelho e Alípio de Franca Netto. 96 p.

Dicionarizado desde 1834, o termo sadismo foi definido como uma aberração inominável, devassidão monstruosa e anti-social, uma revolta contra a natureza. O sádico era, portanto, aquele indivíduo que, fascinado pelo espetáculo da dor física ou moral do outro, atingia prazeres inconfessáveis. Essas acepções, porém, comumente encobrem o Sade escritor que expõe em sua obra desejos recônditos e inconscientes que povoam o imaginário erótico de todos os grupos humanos. Esse homem, como existência datada entre 1740/1814, prisioneiro contu-

maz de conventos e prisões sempre vigilantes soube, melhor do que ninguém, captar a libertinagem culturalizada que cerca o que comumente se convencionou chamar de "crimes do amor".

Esses "Contos Libertinos" exibem, de modo exemplar, o cinismo familiar, o deboche eclesiástico, a sexualidade transgressora que cercam a domesticidade das relações sociais, mesmo nessas décadas finais do segundo milênio, onde um certo conservadorismo politicamente correto parece mostrar suas garras nos quatro cantos do mundo. Nas onze "lições" libertinas que compõem o livro, maridos cornudos se vingam de suas esposas adúlteras, mulheres dominadas se completam em prostíbulos clandestinos, relações pudicas se superam em surubas prazerosas, bêbados e sodomitas se comprazem mutuamente. Esse enredo que marca, principalmente, os quatro contos iniciais, se amplia com uma dialética dos odores no delicioso "A flor do castanheiro", relato no qual uma super-

Contos Libertinos

Marquês de Sade

mãe diligente supõe revelar à sua inocente filha que flores e frutos exalam cheiros semelhantes aos flúidos mais íntimos dos homens. Maneiras "inconvenientes" de usufruir do sexo se encontram presentes no sexto e sétimo textos, nos quais o simulacro sexual delicia cardeais, príncipes e burgueses sedentos de partes do corpo consideradas impróprias ao exercício de amores supostamente lícitos.

Sem dúvida, é preciso estabelecer uma nova pedagogia social que permita, entre os jovens principalmente, distinguir ensinamentos inúteis daqueles que realmente contribuem para a construção de uma sociedade mais livre e dionisíaca. Esse desafio, presente até os dias atuais, serve de alavanca para "O corno de si próprio", onde maridos e esposas abandonadas acabam por se controlarem mutuamente num reencontro inesperado, no qual os amantes, por acaso do destino, voltam a reconquistar antigas paixões numa espécie de ética da convivência consentida. Mas será com Augustine de Vil-

leblanche, último e mais extenso relato, que a trama de Sade se revela mais arguta e sofisticada. Partindo de uma lúcida constatação acerca da inutilidade da Filosofia em explicar o mundo e, principalmente, os gostos bizarros, o autor permitirá que o exercício da imaginação se amplie de forma superlativa. Diante de um homossexualismo feminino francamente assumido, a personagem se vê envolvida, durante o carnaval, num dilema existencial ao se defrontar com surpresas anatômicas que ilustram que a sexualidade, por mais etiquetada, definida e conceituada que possa parecer, é sempre polimorfa e infinita. Ao leitor caberá se deliciar com o desfecho desse último conto e, talvez, extrair dele uma sábia lição de vida para seu próprio cotidiano libertino.

Edgard de Assis Carvalho
SP, dezembro de 1991.

O autor é antropólogo, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP.



Primeira Linha
distribuição e
representação editorial

Distribuição

Arte Pau-Brasil

Casa do Psicólogo

Edições Religião e Cultura

Editora Companhia Ilimitada

Editora Iluminuras

Editora Imaginário

Editora Max Limonad

Editora Palas Athena

Editora Paulicéia

Editora Revan

Editora Taurus

Editora Terragraph

Editora Veredas

EDUC Editora da PUC

Keila & Rosenfeld Editores

Nova Stella Editorial

Relume-Dumará Editores

Scritta Editorial

Rua Augusta, 2676 - conj. 153 - 01412 - São Paulo - SP - Tel. (011) 852-1275



HISTÓRIAS CURTAS E GROSSAS, de Roberto Freire. Editora Guanabara Koogan. 222 p.

A tarefa mais árdua de lidar, quando se aborda o universo humano contido no livro *Histórias Curtas e Grossas* de Roberto Freire, é a utilização da palavra "personagem". Os indivíduos que centralizam as situações criadas pelo autor estão muito mais próximas de serem chamadas de "pessoas" do que de "personas". A impressão que se tem é de que Freire procura elaborar enredos onde, de uma forma ou de outra, os envolvidos se vejam diante da possibilidade quase imperativa de viver esse processo — deixar de ser personagem para se transformar em pessoa. Como se pretendesse terapeutizar os indivíduos em questão, o autor elabora pequenas conspirações com o objetivo de desmascará-los diante de si próprios e de seus leitores. Esse desmascaramento, no entanto, não tem aqui o sentido pejorativo que essa palavra costuma carregar a contragosto. Muito pelo contrário, ela se vincula a uma realidade mais profunda e inconsciente, encoberta normalmente por um cotidiano massacrantemente automático. O escritor Roberto Freire inventa, com seu estilo literário habitual, cenários onde possam ser observadas pequenas rupturas no cotidiano de seus personagens, utilizando sua narrativa como uma verdadeira escavadeira psíquica, emocional e até mesmo corporal. Como um autêntico mestre zen-budista, é direto,

HISTÓRIAS CURTAS E GROSSAS

O escritor Roberto Freire inventa, com seu estilo literário habitual, cenários onde possam ser observadas pequenas rupturas no cotidiano de seus personagens, utilizando sua narrativa como uma verdadeira escavadeira psíquica, emocional e até mesmo corporal. Como um autêntico mestre zen-budista, é direto, cruel e generoso ao mesmo tempo. Freire não poupa seus personagens e nem tampouco seus leitores (personagens?), que se vêem subitamente transformados em *voyeurs* vorazes diante de seus próprios desejos.

cruel e generoso ao mesmo tempo. Freire não poupa seus personagens e nem tampouco seus leitores (personagens?), que se vêem subitamente transformados em *voyeurs* vorazes diante de seus próprios desejos.

As histórias (na realidade nem tão curtas, nem tão grossas) despertam no leitor uma ânsia incontrolável de se saber como terminam. Isso porque, a partir das já mencionadas rupturas, Freire desvenda o curioso e instigante microcosmo pessoal que estava escondido no interior de cada um de seus personagens. É com vivo interesse que acompanhamos à aventura da modelo alemã Helga em busca de seu marido perdido nas dunas de Canoa Quebrada, no Ceará. Ao invés de conseguir resgatar seu marido e tudo o que ele representava em termos de passado, ela resgata a si mesma, além de infinitas possibilidades para uma vida futura. De uma maneira bastante delicada e sutil, Roberto Freire mostra nessa história, apropriadamente chamada de "Metamorfose Ambulante", que a comunhão plena entre dois seres só é possível quando estes se permitem viver a imprevisível jornada que os leva ao encontro de si próprios. Entretanto, isso não implica necessariamente um final feliz.

Aliás, esse é um aspecto interessante nas histórias desse livro, pois nele Roberto Freire consegue com sucesso desvincular o conceito de felicidade do conceito de moral, afastando-se radicalmente de maniqueísmos artificiais. A visão do terapeuta parece orientá-lo nesse sentido, principalmente naquela que me

parece a história mais reichiana desse livro. Trata-se de "A lenda de Pai Ignácio". Foi impossível para mim não relacioná-la com a tragédia de Romeu e Julieta, de Shakespeare, assim como com um dos mais caros temas do psicanalista Wilhelm Reich: a sexualidade na adolescência. Desde seu romance *Cléo e Daniel*, Roberto Freire vem abordando essa polêmica questão e pode-se mesmo dizer que é um tema recorrente em sua obra. Numa outra história do livro, "Uma vida na Janela", os personagens do poeta e dramaturgo inglês chegam a ser citados explicitamente. Em "A lenda de Pai Ignácio", uma espécie de recriação da obra shakespeariana, a história de Ig e Meran se apresenta como mais um exemplo da brutal intolerância da nossa sociedade em relação à sensibilidade juvenil. A intolerância está presente também em duas outras histórias, a já mencionada "A Vida na Janela" e "O Milagre de Joselim". A primeira enfoca a intolerância política e é a que mais se assemelha à forma tradicional do conto literário. Nessa narrativa, Freire demonstra possuir uma grande consciência dos recursos desse gênero, manipulando-o com extrema habilidade. O fato de o mesmo não se verificar de forma tão aguda nas outras histórias do livro pode talvez ser entendido através da última narrativa do volume, "Pobres Amantes", onde o autor nos transmite um pouco da sua visão a respeito do relacionamento entre arte e vida.

Falamos anteriormente que a intolerância era um aspecto encontrado na história denominada "O Milagre de Joselim". E nem

poderia ser de outro jeito, já que o tema abordado é o homossexualismo. A capacidade de Roberto Freire em colocar uma temática tão ampla em tão poucas páginas e de forma tão humana e completa é de fato impressionante. Os aspectos sociais, psicológicos e morais se entrelaçam de tal modo nessa narrativa que até mesmo o leitor mais preconceituoso se vê obrigado a considerar o assunto como uma totalidade. Nesse ponto, atingimos, creio eu, a proposta mais ampla das *Histórias Curtas e Grossas* do anarquista Roberto Freire. Se uma primeira leitura nos leva a sentir uma falta de unidade entre elas, num segundo momento percebemos que o seu ponto de intersecção é justamente a visão de totalidade constantemente expressa pelo autor, tanto nos seus livros quanto na sua prática cotidiana e profissional. A necessidade de encarar a vida como uma totalidade está exposta nesse livro de uma maneira bastante objetiva, especialmente no que diz respeito à sexualidade. Nesse particular, Freire provocará inevitavelmente as costumeiras reações positivas e negativas, de acordo com os pontos de vista existentes em nosso meio. Difícil mesmo será ficar indiferente diante do erotismo explosivo que o autor faz emergir com tanta naturalidade a cada página desse seu novo livro.

Álvaro Marins

O autor é poeta e atualmente faz o curso de mestrado em Literatura Comparada da UFRJ.



ESCRITOS SOBRE ARTE, de Charles Baudelaire. Co-edição Editora Imaginário/EDUSP. Tradução Plínio Augusto Coelho. 126 pp.

A capacidade de refletir sobre o moderno defendendo-o apaixonadamente é a marca de Charles Baudelaire (1821-1867). Na coletânea *ESCRITOS SOBRE ARTE* que contém quatro artigos sobre o Riso, Caricaturistas, Arte Filosófica e Eugène Delacroix, o autor apresenta inquietações a respeito de temas variados, todos eles amarrados pela convicção: "O que é a arte pura segundo a concepção moderna? É criar uma magia sugestiva contendo ao mesmo tempo o objeto e o sujeito, o mundo exterior ao artista e o próprio artista."

Baudelaire resgata o homem e a humanidade contrapondo, nesses artigos, a verdadeira espiritualidade, capacidade superior dos homens civilizados, à banal realidade material da natureza. Essa serve ao artista como dicionário que deve ser consultado para procurar o sentido das palavras e dele extrair os elementos que compõem a frase. O horror à natureza pronunciado por Baudelaire atribui a ela o simples papel de fornecedora de elementos brutos, excitação, que devem ser apropriados pela imaginação do artista, pois "todo o universo não é senão um depósito de imagens e sinais aos quais a imaginação dará um lugar e um valor relativo; é uma espécie de alimento que a imaginação deve digerir e transformar". Por isso, os realistas não

ESCRITOS SOBRE ARTE

Baudelaire resgata o homem e a humanidade contrapondo, nesses artigos, a verdadeira espiritualidade, capacidade superior dos homens civilizados, à banal realidade material da natureza. Essa serve ao artista como dicionário que deve ser consultado para procurar o sentido das palavras e dele extrair os elementos que compõem a frase.

escapam à fúria do poeta em repetidas críticas, reduzindo-os a uma "turba de artistas e literatos vulgares cuja inteligência míope abriga-se atrás da palavra vaga e obscura de realismo".

Delacroix recebe uma homenagem póstuma de Baudelaire no maior dos artigos dessa coletânea, onde seu amigo pessoal o identifica como o oposto ao realismo, o pintor-poeta que sabe usar a imaginação com todo rigor necessário à produção artística disciplinada. Segundo seu admirador, o pintor traduziu o mistério, isto é, o invisível, o impalpável, o sonho, os nervos, a alma. Ele o fez conciliando a perfeição da pintura, o rigor do literato e a eloquência do músico, as três faces interligadas da arte, conforme a definição de Baudelaire.

Partindo dessa premissa, o autor faz a crítica à Arte Filosófica ("uma monstruosidade") para, uma vez mais, proferir seu credo moderno. Assim, "quanto mais a arte quiser ser filosoficamente clara, mais ela se degradará e remontará ao hieróglifo infantil; ao contrário, quanto mais a arte se destacar do ensinamento, mais ascenderá à beleza pura e desinteressada." A espiritualidade civilizada distancia-se de qualquer possibilidade de aliança com a natureza, seja pela sua cópia ou imitação, seja pela sua manifestação infantil.

Os dois artigos aparentemente menos sérios, "A essência do riso" e "Alguns caricaturistas estrangeiros" (europeus não franceses) apresentam com humor e passagens hilariantes a crítica aos sábios-acadêmicos e uma

teoria do riso. Os sábios são os sérios, os ortodoxos, os que acreditam estar o riso intimamente ligado à degradação física e moral. Atrelados à uma filosofia cristã rígida, diriam que o grande Sábio não ri pois se aproxima do divino. O riso é manifestação oposta, ou seja, satânica, portanto humana, sinal de sua contradição essencial: grandeza infinita em relação aos animais e miséria infinita em relação ao Ser Absoluto. A faculdade de rir é dada pela alegria da superioridade humana em relação à natureza. O cômico e o grotesco ou, como classifica Baudelaire, o cômico significativo e o cômico absoluto introduzem o riso humano sobre sua própria decadência, respeitando-se as gradações elaboradas pelo autor na sua teoria. Explica-se assim o interesse do poeta moderno pelo cômico, bem como pelas caricaturas enquadradas, em certa medida, nessa reflexão. O homem que ri sobre si próprio é aquele que se humaniza, sabendo conciliar sujeito e objeto, modernizando-se.

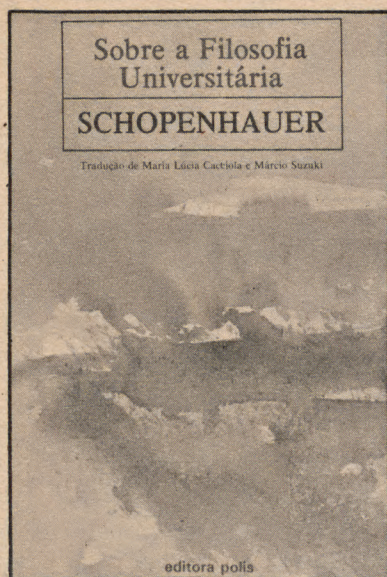
Caricaturistas como Hogarth, Cruikshank, Goya, Pinelli e Brueghel entre outros, e o elogio a Théodore Hoffmann ou o exemplo da pantomima inglesa ilustram essas reflexões, criando a curiosidade do leitor para conhecê-los mais.

ESCRITOS SOBRE ARTE tem a oportuna organização de Plínio Augusto Coelho e é prefaciado por Aguinaldo José Gonçalves, que localiza o autor e sistematiza suas questões estéticas, preparando o leitor para os escritos baudelairianos.

Dorothea Voegeli Passetti

A autora é professora de antropologia da PUC-SP.





SOBRE A FILOSOFIA UNIVERSITÁRIA, de Arthur Schopenhauer. Editora Polís. Tradução de Maria Lúcia Cacciola e Márcio Suzuki. 118 pp.

É lícito ensinar filosofia para ganhar dinheiro com ela? Essa questão, com que já na Antiguidade grega Sócrates desqualificava os sofistas de sua época, é o tema retomado polemicamente por Arthur Schopenhauer em seu escrito *Sobre a Filosofia Universitária*, publicado agora entre nós pela editora Pólis (com tradução, estudos e notas de Maria Lúcia Cacciola e Márcio Suzuki).

Diferentemente de outras obras mais conhecidas, como *O Mundo como Vontade e Representação* (1818) e os *Aforismos sobre a Sabedoria da Vida* (1851), este ensaio tem, como já indica o título, o objetivo mais imediato de combater as formas oficiais de ensino nas universidades alemãs do século XIX. Essa preocupa-

ção circunstancial, contudo, de forma alguma prejudica o vigor e a atualidade das reflexões do autor; ao contrário, justamente porque tem de lidar com problemas de época, a análise schopenhaueriana acaba traçando, para além de seu conteúdo filosófico, um interessante panorama histórico de um período que se costuma caracterizar, na Alemanha, como o da cultura do *Biedermeier*, isto é, do burguês filistino, preocupado exclusivamente com o próprio bem-estar material. Esta é, certamente, uma das razões que levaram um outro filósofo a declarar que os escritos de Schopenhauer "podem ser usados como espelho do tempo". O jovem autor dessas palavras, extraídas de um ensaio cujo título é, significativamente, *Schopenhauer Educador*, foi nada mais nada menos que Friedrich Nietzsche.

A discussão acerca do ensino de filosofia busca, portanto, dar conta de diversos aspectos, que não podem ser desvinculados do contexto histórico em que se inscrevem problemas político-morais e filosófico-religiosos.

Há, certamente, que possa interpretar essa aversão de Schopenhauer à filosofia de sua época a partir de um dado biográfico mais imediato. Um dos momentos mais citados de sua vida é sua brevíssima passagem como

docente na Universidade de Berlim (1820), onde tenta rivalizar com Hegel, escolhendo o mesmo horário de aula que este. A tentativa é completamente malograda: enquanto o auditório de Hegel permanecia sempre lotado, Schopenhauer não tinha mais do que quatro alunos. Assim, ao contrário de Fichte, Schelling e Hegel — para ele, os três maiores sofistas da filosofia alemã —, Schopenhauer não obteve nenhum êxito como docente. Sua carreira não durou mais que um semestre.

Qualquer que possa ser a importância que se atribua a esse seu fracasso na academia, o certo é que tentou explicá-lo como uma investida contra sua filosofia, que, no seu modo de entender, navegava contra a corrente de pensamento dominante em sua época que combinava, tacitamente, uma inclinação religiosa judaico-cristã aos imperativos do poder estatal. No fundo, a filosofia oficial ensinada nas universidades alemãs não passa, para Schopenhauer, de teologia travestida, que atende a interesses bem determinados do governo. Não que religião e governo sejam, em si mesmos, algo a ser combatidos. A crítica schopenhaueriana não ataca aquilo que constitui a própria essência da religião — essa "metafísica do povo", alegoria da verdade filosófica, que dá uma resposta vir-

tualmente correta ao drama da finitude humana —, nem aquilo que constitui a essência do Estado — cuja função, válida, é conter o caos social, a guerra de todos contra todos, para preservar a individualidade de cada um. A crítica só atinge o Estado e a religião quando estes fogem de sua verdadeira função, impedindo que um maior número de pessoas conheça a ciência e a filosofia. Quando os interesses da religião oficial do Estado interferem na liberdade e autonomia da filosofia, esta passa a servir como forma de mistificação. O professor de filosofia se converte num sacerdote que proclama que as necessidades e sofrimentos do indivíduo cessarão com a realização dos fins da Igreja e do Estado. Os desejos individuais, que se repetem incessantemente e jamais serão plenamente satisfeitos, são, dessa forma, sublimados num Estado ético abstrato ou numa Igreja universal idealizada.

Para Schopenhauer, o filósofo verdadeiro deve combater esse novo tipo de sofista, que vive às custas do Estado. Ao contrário desses pseudo-filósofos que ganham salário com filosofia, o pensador livre é como o artista que não teme a vida autêntica, com seus tormentos e desejos jamais realizados.

M.S.

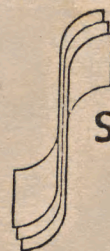
LIVRARIA 
PALMARINCA

DISTRIBUIÇÃO · EDIÇÃO · IMPORTAÇÃO
Rua Gen. Vitorino, 140 - Sala 14A - 1º andar - Fones: (0512)
24-5133/24-1874 - Caixa Postal 102 - CEP 90020 - Porto Alegre - RS.

 **LIVRARIA PRESENÇA**

A mais completa livraria do Distrito Federal

SDS - Bloco E - Lojas 11/15 - Ed. Cine Atlântida
Fone- 225-5475
70302 - Brasília - DF



livraria
SÓ letrando

Muito mais do que
uma boa livraria.

Rua Aurelino Leal, 71 - Rink
Tel.: (021) 622-1847
NITEROI - RJ

 **Ilublú**
livraria ltda.

livros sob encomenda
atendimento uncamp

Ilublú
galeria nahas
rua horácio leonardi

Ilublú universitária
till center
av. albino j. b. oliveira

tel. (0192) 39-2000 cx. postal 6633
13082 barão geraldo campinas/sp

POLÍTICAS, SABERES E POÉTICA: O UNIVERSO DAS DROGAS

Nelson Schapochnik



DAS "FUMERIES" AO NARCOTRÁFICO, de Edson Passetti. Educ. 136 p.

Escadinha, Romeu Tuma, Jabes Rabello e Edson Passetti apesar de circularem em diferentes cenários apresentam algo em comum, isto é, em algum momento da vida todos eles trabalharam com a droga. Todavia, o que Passetti oferece aos leitores com seu mais recente livro, *Das "fumeries" ao narcotráfico*, é uma análise instigante dos "saberes tácitos" que convertem as drogas em um problema social. Ao recusar a interdição que paira sobre alguns temas "malditos", o

No decorrer do ensaio, Passetti convida os leitores à um exame crítico dos postulados difundidos pelo amplo espectro de práticas discursivas que vão da psiquiatria à sociologia, da farmacologia à economia, do direito à geopolítica.

autor não apenas propicia uma desobstrução do horizonte acadêmico, como também, aponta para as intrincadas mediações entre os dispositivos jurídico-políciais e as práticas assistenciais e psicológicas que visam disciplinar o universo das drogas.

No decorrer do ensaio, Passetti convida os leitores à um exame crítico dos postulados difundidos pelo amplo espectro de práticas discursivas que vão da psiquiatria à sociologia, da farmacologia à economia, do direito à geopolítica. As sucessivas tramas entre as estratégias do poder e as construções do saber acerca das drogas são examinadas através de uma lente foucaultiana capaz de revelar o itinerário da ilegalidade, as metáforas farmacológicas, a tenuidade entre a norma e a lei, bem como os limites das políticas sociais adotadas pelo Estado.

Servindo-se de referências históricas pontuais, o autor não

deixa de apontar para o processo de utilização positiva da droga, tanto para a manutenção da ordem (como no processo de expansão colonialista do oitocentos com a difusão do ópio na China), quanto para a construção de uma nova ordem (como a questão da governamentalidade na Bolívia e na Colômbia). A denominação cunhada pelas agências internacionais ligadas ao combate do narcotráfico visando estabelecer uma oposição entre países "produtores"/"pobres" e países "consumidores"/"ricos" é objeto de uma severa revisão. Conforme explicita o autor, trata-se de um contraponto fictício que serve de argumento para intervenções militares que ferem a soberania de outros Estados e criam, no limite, condições para a prescrição da pena de morte. *Das "fumeries" ao narcotráfico* também inclui uma série de "estilhaços" poéticos que contribuem para solapar visões preconceituosas acerca do

universo das drogas. As "iluminações profanas" resultantes da experimentação de diferentes drogas por De Quincey, Baudelaire, Burgess, Keats, Bandeira, Piva entre outros, traduzem de maneira inequívoca a conversão das energias do êxtase em significantes dispostos poeticamente. Através dos "estilhaços" os leitores são conduzidos à uma outra dimensão do universo das drogas onde "não há pecado, nem razão".

Ao contrapor diferentes racionalidades, o percurso intelectual traçado por Edson Passetti se afasta das tentativas de submeter a questão das drogas à esfera repressiva e, ao mesmo tempo, aponta para a superação da dicotomia "consciência sã"/"consciência louca".

Nelson Schapochnik é historiador e professor de Teoria da História junto à FHDSS (UNESP - Franca).

Margem

REVISTA DA FACULDADE DE
CIÊNCIAS SOCIAIS DA PUC-SP

NA EDIÇÃO DE LANÇAMENTO:

DOSSIÊ: NARRADORES E INTÉRPRETES



Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Sociais

JGA

Apoio: PROPAGANDA

MARQUÊS DE SADE
Contos Libertinos



O olhar libertino I

Imaginário

polis

Cr\$ 22.000,00

Charles Baudelaire
ESCRITOS SOBRE 'ARTE



Imaginário

edusp

Cr\$ 25.000,00

Richard Wagner
"Tannhäuser" em Paris
Charles Baudelaire



Imaginário

edusp

Cr\$ 23.500,00

Reflexões sobre
a Anarquia
Maurice Joyeux



Terra Livre

ARCHIPÉLAGO

Cr\$ 20.000,00

EDUCAÇÃO E LIBERDADE

Ivan Illich . Lamberto Borgia . Salvo Vaccaro .
Francesco De Bartolomeis . Marcello Bernardi .
Andrea Papi . Mario Lodi . Carlo Oliva . Ferru
Piludu . David Kopen .

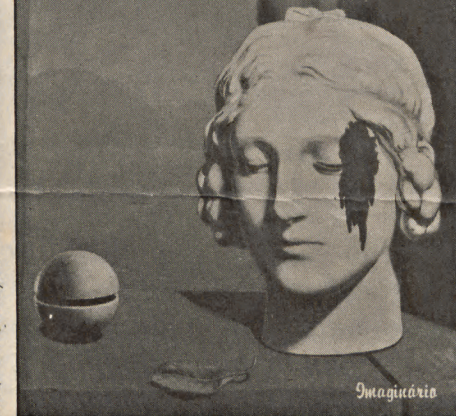


Imaginário

Cr\$ 24.000,00

SURREALISMO
E
ANARQUISMO

"Bilhetes Surrealistas"
de Le Libertaire



Imaginário

Cr\$ 27.500,00

PROMOÇÃO DE JUNHO

Na compra superior a Cr\$ 45.000,00 você receberá **gratuitamente** dois livros de sua escolha dentre os acima anunciados. Para isso, envie-nos um cheque em nome de PLÍNIO A. A. COELHO - ME, especificando os livros adquiridos e os outros dois que lhe ofertamos.

Editora Imaginário

Rua Gen. Jardim, 228 - conj. 11 - Tel. (011) 66-8081 - Cep 01223 - São Paulo

AC M. M. PAIM REP E COM.
Tel. (068) 224-3432
Rio Branco - AC

MG DISTRIBUIDORA KLS
Tel. (031) 201-9221
Belo Horizonte - MG

PA R. A. JINKINGS
Tel. (091) 222-7286
Belém - PA

PB LIVRARIA LEGAL
Tel. (083) 221-8113
João Pessoa - PB

DISTRIBUIÇÃO

RJ EDITORA E DISTRIBUIDORA
ES IRRADIAÇÃO CULTURAL
Tel. (021) 577-3522
Rio de Janeiro - RJ
(NITEROI) LIVRARIA SÓ LETRANDO
Tel. (021) 622-1847
Niteroi - RJ

RS LIVRARIA PALMARINCA
Tel. (051) 224-1874
Porto Alegre - RS

SP BRASILVROS EDITORA E DIST.
Tel. (011) 284-8155
DIST. CASA DO LIVRO
Tel. (011) 67-9171
NAVEGAR DIST. E EDITORA
Tel. (011) 278-3400
PRIMEIRA LINHA DISTRIBUIÇÃO
E REPRESENTAÇÃO EDITORIAL
Tel. (011) 852-1275
(CAMPINAS) LIVRARIA LIUBLIÚ
Tel. (0192) 39-200
Campinas - SP